

Desertor dos BA's revela ligações internacionais do banditismo armado

por Alves Gomes

Até Julho deste ano, o exército da África do Sul continuava a manter contactos por rádio e a dirigir as movimentações dos bandidos armados, segundo nos afirmou Constantino Reis, que em finais de Julho se entregou às FPLM, depois de ter recebido a patente de oficial e ter participado em ataques contra colunas de abastecimento à Vila de Mutarara. Reis, que saíu de Moçambique em Setembro de 1982, procurava «uma bolsa de estudos» acabando por, na África do Sul, envolver-se profundamente com os bandidos armados.

Desertor das fileiras dos bandidos, Constantino Reis foi locutor da «Voz da África Livre», a rádio que até Março deste ano transmitia, a partir da África do Sul. Reis decidiu entregar-se «em resultado da política de clemência do Governo», numa altura em que era oficial e se encontrava a operar num acampamento situado perto de Sena, uma vila da Província de Sofala no centro do país.

Na entrevista que deu a vários jornalistas, o ex-estudante da Universidade Eduardo Mondlane, revelou importantes detalhes da «Operação MNR», dirigida a partir da África do Sul. Ele viveu durante cerca de um ano no

«campo político», dos bandidos situado em Walmerstaad, a cerca de 50 quilómetros da capital sul-africana, Pretória.

Constantino Reis fugiu de Moçambique em Setembro de 1982, quando ainda era estudante da Universidade de Educação, onde cursava Biologia e Química, em oposição ao facto de não poder tirar outro curso. Atravessou ilegalmente a fronteira para a Suazilândia onde, segundo nos afirmou, «o cônsul português ofereceu-se para me levar para a África do Sul a fim de eu poder prosseguir os meus estudos».

O contacto com o «cônsul português» de quem Constantino Reis diz não «se lembrar do no-

me», foi feito por indicação de «uns amigos e familiares». «Ele disse-me que não me podia ajudar na Suazilândia, mas que se quisesse me podia levar para a África do Sul, onde me poria em contacto com pessoas que podiam garantir a continuidade dos meus estudos.»

Reis, viajou com o «cônsul português», que a «Tempo» identificou como sendo o sr. Leite, até à fronteira entre a Suazilândia e a África do Sul a 2 de Outubro, tendo sido entregue em Komatiport a elementos da migração que «me interrogaram durante várias horas». Em seguida foi «levado para Joanesburgo onde me puseram numa das instalações do «Grande Hotel», dirigido por um português chamado Rui Forjaz».

No dia a seguir ao da chegada a Joanesburgo Reis voltou a encontrar-se com «o cônsul português» que na altura se fazia acompanhar por Francisco Bomba «responsável dos assuntos sociais e cívicos» dos bandidos e irmão de Adriano Bomba, que no ano anterior havia desertado da Força Aérea Moçambicana com um avião «MIG 17».

Nos dias em que habitou nas instalações do «Grande Hotel», dirigido por portugueses que viveram em Moçambique, Reis, en-

